

Resenhas

a arte da liberdade

LILY LITVAK

Mary Carmen Lara Orozo. *La estética anarquista como práctica escénica emergente en la ciudad de Veracruz en 1922 y 1923*. México D.F., Editorial Redez, 2014, 190 pp.

A pesquisa sobre o anarquismo na América Latina tem gerado, recentemente, grande interesse, e, em particular, cresceu através da ação de sindicatos de trabalhadores em diversos países como a Argentina e o Uruguai. Não obstante, apesar do importante papel que teve na luta política nacional, o mesmo não aconteceu no estudo do seu desenvolvimento no México. Também infelizmente, os preconceitos e clichês impediram que se reconhecesse seu importante papel como ideologia nesse país e seus aportes culturais não foram investigados a fundo.

O livro de Mary Carmen Lara Orozco vem preencher esse vazio com um excelente trabalho documental de investigação e uma brilhante síntese, onde traça o desen-

Lily Litvak é doutora em Literatura Comparada pela University of Califórnia, professora emérita pela University of Texas e membro correspondente da Real Academia de Bellas Artes y Nobles Letras de Córdoba, Espanha. Contato: yasha@austin.utexas.edu.

volvimento teórico e a práxis ideológica de uma cultura libertária mexicana com características muito próprias que surgiu na cidade de Veracruz.

O caráter da práxis como luta e, ao mesmo tempo, o giro idealista do anarquismo cultural mexicano, não nos deve surpreender, pois viria quase naturalmente a esse país, onde existia a crença na possibilidade de utopias desde a época colonial. Basta citar a Vasco de Quiroga que pretendia realizar a utopia de Thomas More. Se avançarmos até o século XIX, é possível recordar a complexa figura de Plotino C. Rhodakanaty, nascido em Atenas em 1828, estudante de medicina em Viena, que depois de participar na luta pela independência da Hungria chegou ao México, em 1849. Esse jovem aventureiro, influenciado por Proudhon, Fourier e Bakunin, combinava a ideia de uma comunidade agrícola-industrial com a crítica ao Estado e à propriedade privada. O cosmopolitismo foi um dos pilares de sua filosofia. Seu lema era: “somos cidadãos de todos os países, contemporâneos de todas as idades. *Ubi libertas ibi patria*”. Imerso na problemática dos trabalhadores, dedicou-se a uma ampla campanha de propaganda e, em 1863, fundou um grupo do qual saíram os primeiros ideólogos do socialismo libertário do México: Santiago Villanueva e Hermenegildo Villavicencio, que empreenderam a propaganda no meio urbano, e Francisco Zalacosta, dirigente das massas rurais. Em 1865, os anarquistas promoveram a primeira greve industrial do México que teve como cenário duas tecelagens sufocadas pelo imperador Maximiliano.

Citei esse acontecimento como antecedente das futuras greves de Veracruz com as que Lara Orozco abre seu livro: a Greve Inquilinária de 1922 e a Greve dos

Eletricistas de 1923, ambas caracterizadas por políticas de resistência e ações dissidentes. A primeira foi o fermento que desencadeou certas práticas estéticas emergentes e as peças de teatro social; e a segunda, pela extensão de suas agremiações, favoreceu a popularidade dessas peças e sua compreensão como atos de resistência.

A autora destaca que seu interesse pelo tema começou com uma experiência pessoal através da história de sua própria família: a admiração pelo seu avô, um militante do sindicalismo veracruzano, a animou a se dedicar com o estudo do anarquismo na cidade de Veracruz. Seus propósitos foram, desde o princípio, compreender os acontecimentos sociais e culturais do momento, com o objetivo de resgatar as ideias que os animaram a evitar que fossem esquecidos ou distorcidos pela mitificação da história oficial.

Lara Orozco enfoca a luta libertária num período entre 1922 e 1923, marcados pelas citadas greves entendidas como “peças chaves da desagregação populacional e da ruptura do equilíbrio social” (p. 6). Esses anos estão compreendidos dentro do mandato presidencial de Álvaro Obregón e do governo estadual em Veracruz de Adalberto Tejeda. Ambos, em alguns momentos, mostraram certo apoio aos sindicatos, sempre favorecendo a construção de uma economia capitalista antiética com relação às ideias anarquistas. O livro trata das condições econômicas e sociais de Veracruz que influenciaram o aumento do contingente de operários e camponeses. A região gozava de uma próspera agricultura de açúcar, tabaco e café, indústrias do petróleo, têxteis e cerveja; tudo que favorecia as condições para o comércio e para a exportação e importação de produtos pela via ferroviária.

A prosperidade favoreceu a consolidação do constitucionalismo de Veracruz por Venustiano Carranza, que somada à chegada da Casa do Operário à cidade de Orizaba, em cujas fábricas era empregado um grande número de trabalhadores, promoveu desde 1912 a formação de organizações laborais. Durante a década de 1920, desenvolveu-se um impulso para garantir ao trabalhador os direitos assegurados pela Constituição de 1917. Pouco depois, os sindicatos libertários se uniram para formalizar um projeto laboral cujas revoltas foram reprimidas pelo governo de Álvaro Obregón. Devido à repressão e ao seu contínuo descontentamento com o Estado, os libertários dirigiram grandemente sua luta para práticas no campo social e artístico.

O núcleo do livro – e sua extraordinária originalidade – está no fato de que aborda um tema muito pouco investigado. Lara Orozco estabelece as premissas teóricas e a práxis do teatro anarquista. Por meio de uma rigorosa recuperação de documentos em diversos arquivos e bibliotecas, a autora estuda as obras teatrais representadas e sua repercussão social e ideológica. Continua com um erudito estudo de uma estética anarquista em conexão com as práticas cênicas emergentes no âmbito libertário. Para que essa análise seja mais específica, a autora se concentra nos textos dramáticos que mostrem aspectos sociais e ambientais similares às situações das revoltas anarquistas realizadas por sindicatos de operários veracruzanos. Orozco analisa a obra de Flores Magón *Carrascos e vítimas (Verdugos y víctimas)*, escrita em 1917 e representada em Veracruz em 1923, ou seja, num contexto diretamente vinculado à problemática da Greve Inquilinária. Na sequência, Orozco revisa *A sereia vermelha (La sirena roja)*

de Marcelina Dávalos, publicada em 1914. Ainda que não tivesse sido encenada até 1923, o autor a difundiu nos círculos de leitura e nos ateneus libertários de todo país. A ambientação e os cenários desse texto o relacionam aos acontecimentos de 1922 e 1923.

É apropriado que Lara Orozco aborde o aspecto cultural libertário através da obra desses lutadores e intelectuais. Ricardo Flores Magón é um exemplo dessa dualidade, pois enfrentou sua luta não apenas pelo ativismo, mas também pelo jornalismo e pela obra literária. Flores Magón foi influenciado não somente por Bakunin, Proudhon, Anselmo Lorenzo e Kropotkin, como também por Gorki. Do seu lado, Marcelino Dávalos denunciou os abusos do poder e as repressões do porfirismo e foi também humanista, dramaturgo e poeta.

Certos postulados teóricos se apreendem desse estudo. Em primeiro lugar, Orozco expõe uma teoria teatral própria sobre as obras anarquistas, examina sua estrutura e sua estética como prática cênica e sua influência no movimento libertário. A experiência cênica é examinada na sua historicidade e “como momento de interação e retroalimentação de dois elementos importantes: ator-espectador” (p. 7), o que “permite compreender o ato de representação na sua essência” (idem). A autora agrega, além disso, outro elemento: o texto dramático anarquista como parte de uma necessidade ideológica. Tem-se como um dado que os espectadores das cenas ácratas também eram os participantes nas manifestações e comícios libertários, e, por isso, é óbvio que estavam familiarizados com a linguagem e os postulados anarquistas. Como conclusão, indica assim a tríade ator/texto dramático/espectador e conclui que a teatralidade “surge como

dispositivo de receptividade e resistência; sendo por conta disso que o teatro anarquista atuou como ferramenta ideológica que acompanhou as greves” (ibidem).

Lara Orozco estabelece claramente que os anarquistas, ao contrário da estética e política burguesas, “vinculavam a arte com o povo e para o povo de modo acessível, descartavam a arte burguesa por ser hierárquica, a serviço do capital e segregadora do setor popular” (p. 73). O livro confirma, assim, um dos princípios fundamentais do anarquismo: a meta de educar o povo, de levá-lo à conscientização como ser humano e como lutador em prol da Revolução social pela literatura, pela imagem gráfica, pela imprensa e pelo teatro. As páginas finais do livro dedicam-se a certas conclusões que completam o compromisso pessoal da autora. Sua investigação lhe confirma uma premissa essencial do livro: “o que o discurso artístico da possibilidade de intercambiar registros semióticos para não irromper no papel do historiador”, e que ela mesma, “como historiadora da arte e investigadora das artes cênicas” (p. 169), indica a arte como porta-voz do feito histórico e das práticas anarcossindicalistas que justificam “os rituais estéticos criados pela necessidade ideológica usando a arte como ferramenta simbólica” (p. 169).

Este importante e original livro também deixa muito claro que os lutadores do teatro anarquista seguiram as premissas fundamentais do anarquismo: a valorização do homem como indivíduo e sua capacidade de coexistência com seus semelhantes; a solidariedade como elemento da comunhão humana; o grande valor atribuído à cultura como transmissora e propagadora de ideais, e como arma de luta acessível a todas as classes sociais.

Deve-se destacar o caráter pioneiro dessa pesquisa, levada a cabo com um rigoroso tratamento metodológico. A aproximação respeitosa ao tema está sempre unida a um impecável rigor histórico e crítico. Sua aproximação a esse mundo se dá distanciado das histórias e das literaturas oficiais. E, também pelo tema em si, registra-se seu otimismo, pois talvez, apesar de todos os fracassos, das lutas perdidas, das repressões sofridas pelo anarquismo em sua longa história, deste olhar sobre a cultura anarquista de Veracruz se desprende uma esperança sobre a liberdade do homem.

Empreendi meus estudos sobre o anarquismo desde já muitos anos, inspirada por um encontro que tive, justamente no México, com um antigo combatente da Guerra Civil Espanhola, Don Hermoso Plaja, um ancião cheio de entusiasmo e fé no futuro. Desde sua chegada ao México, Don Hermoso havia comprado jornais, revistas e obras anarquistas em sebos e no mercado da Lagunilla até formar uma magnífica coleção que enchia completamente seu humilde apartamento. Passei a tarde escutando o que me contava sobre as ideias anarquistas, o entusiasmo dos anarquistas pela cultura, e sobre o grupo de teatro experimental que os companheiros de Palafrugell, seu lugar de origem, tinham formado antes da guerra. Esse grupo havia servido como ponto de reunião, de solidariedade, de aprendizado e de luta. Desde aquela entrevista, fiquei comovida pela grande atração que tem esse movimento pela cultura. Devo comentar que, nesse sentido, Don Hermoso era uma figura muito frequente entre os anarquistas no México. Contou-me que o filme *Tierra sin pan*, de Buñuel, foi paga por um militante que ganhou na loteria.

Tempos depois, me reuni com outros velhos anarquistas espanhóis que tinham passado pela Guerra Civil. Uma das entrevistas mais comoventes foi com um antigo combatente, proveniente de Zaragoza. Disse que tinha sido pastor, muito pobre e analfabeto, e que aprendeu a ler para poder ter acesso aos textos anarquistas. Logo se juntou a um grupo de teatro experimental que encenava, entre outras, várias obras de Ibsen...

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

cogumelos selvagens – anarquistas do outro lado da terra

LUÍZA UEHARA

Tanaka Hikaru, Masaya Hiyazaki, Chiharu Yamanaka (ed.).
グローバル・アナーキズムの過去・現在・未来～現代日本の新しいアナーキズム (*Global anarchism: past, present and future – New anarchism in Japan*). Kansai, Anarchism Studies Kansai, 2014, 178 pp.

Cogumelos possuem inúmeras propriedades. Podem ser comestíveis, medicinais, psicoativos e tóxicos. Cogumelos selvagens brotam em alguns períodos do ano

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.